

O herói perdido

Rick Riordan

O herói perdido

Os heróis do Olimpo — Livro Um

Tradução de Rodrigo Peixoto



*Para Haley e Patrick, sempre os primeiros a ouvir as histórias.
Sem eles, não existiria Acampamento Meio-Sangue.*

JASON

MESMO ANTES DE SER ELETROCUTADO, Jason estava tendo um dia péssimo.

Ele acordou no banco de trás de um ônibus escolar, sem saber muito bem onde estava, de mãos dadas com uma menina que não conhecia. Essa não era necessariamente a parte péssima. A menina era bonita, mas Jason não sabia quem ela era nem o que ele estava fazendo ali. Ele se levantou e esfregou os olhos, tentando pensar.

Alguns jovens estavam espalhados pelos assentos à frente, ouvindo seus iPods, conversando ou dormindo. Todos pareciam ter mais ou menos a idade dele... quinze anos? Dezesseis? Certo, isso era assustador. Ele não sabia qual era a própria idade.

O ônibus barulhento seguia por uma estrada esburacada. Do lado de fora das janelas, sob o céu claro e azul, estava o deserto. Jason tinha quase certeza de que não morava no deserto. Tentou recorrer à memória... à última coisa de que se lembrava...

A menina apertou a mão dele.

— Jason, você está bem?

Ela vestia uma calça jeans desbotada, botas de caminhada e um casaco de *snowboarding* de fleece. Os cabelos castanhos, cor de chocolate, tinham um corte repicado e assimétrico, com uma trança fina de cada lado. Ela não usava

maquiagem, como se tentasse não chamar atenção — o que não funcionava. Era realmente linda. Seus olhos pareciam mudar de cor, como um caleidoscópio... marrom, azul e verde.

Jason soltou a mão dela.

— É, eu não...

Na parte da frente do ônibus, um professor gritou:

— Certo, *cupcakes*, atenção!

Era obviamente um treinador de educação física. Ele usava um boné enfiado na cabeça e a única coisa visível eram os olhos pequenos e brilhantes, como contas. Tinha um cavanhaque ralo e o rosto azedo, como se tivesse comido algo estragado. O peito e os braços bronzeados estavam marcados por baixo da camisa polo laranja vivo. A calça de náilon e os tênis Nike eram incrivelmente brancos. Tinha um apito pendurado no pescoço e um megafone na cintura. Seria uma figura bastante assustadora se não medisse só um metro e meio. Quando ele ficou de pé no corredor, um dos alunos gritou:

— Levante-se, treinador Hedge!

— Eu ouvi isso! — retrucou ele, procurando no ônibus o ofensor.

Seus olhos se fixaram em Jason e sua expressão ficou mais severa.

Jason sentiu um calafrio na espinha. Tinha certeza de que o treinador notara que ele não deveria estar ali. Chamaria Jason e perguntaria o que estava fazendo naquele ônibus — e o garoto não fazia ideia do que responder.

Mas o treinador olhou para outro lado e pigarreou.

— Vamos chegar em cinco minutos! Fiquem com seus pares. Não percam suas folhas de exercícios. Caso algum de vocês, meus *cupcakes*, cause qualquer problema nessa excursão, eu, pessoalmente, os mandarei de volta ao *campus* do jeito mais penoso.

Ele apanhou um bastão de beisebol e fez de conta que batia um *home run*.

Jason olhou para a menina a seu lado.

— Ele pode falar assim com a gente?

Ela deu de ombros.

— Ele sempre fala assim. Estamos na Escola da Vida Selvagem. “Onde as crianças são os animais.”

Falou como se aquilo fosse uma piada antiga entre os dois.

— Algo está errado — disse Jason. — Eu não deveria estar aqui.

O menino à frente dele virou-se e sorriu.

— Certo, Jason. Todos nós somos inocentes! Eu não fugi seis vezes. Piper não roubou um BMW.

A menina corou.

— Eu não roubei aquele carro, Leo!

— Ah, esqueci, Piper. Qual era mesmo a história? Você convenceu o vendedor a emprestá-lo a você? — Leo ergueu as sobrancelhas para Jason como quem diz: *Dá para acreditar nela?*

Leo parecia um elfo do Papai Noel, só que latino, com cabelos castanhos e encaracolados, orelhas pontudas, uma alegre cara de bebê e um sorrisinho mal-doso que deixava logo claro que não era seguro deixá-lo perto de fósforos ou objetos afiados. Seus dedos longos e ágeis não paravam quietos — tamborilavam no assento, colocavam o cabelo atrás das orelhas, mexiam nos botões do casaco camuflado. Ou ele era naturalmente hiperativo ou tinha tomado açúcar e cafeína suficientes para matar um búfalo de ataque cardíaco.

— Seja como for — disse Leo. — Espero que esteja com sua folha de exercícios, pois a minha eu usei como canudo na guerra de cuspe outro dia. Por que está me olhando assim? Alguém rabiscou meu rosto de novo?

— Eu não conheço você — respondeu Jason.

Leo abriu um sorriso amarelo.

— Claro que não. E eu não sou seu melhor amigo. Sou um clone do mal.

— Leo Valdez! — gritou o treinador Hedge, lá da frente. — Algum problema por aí?

Leo piscou para Jason e disse:

— Veja isso.

— Depois se virou:

— Sinto muito, treinador! Não consigo escutá-lo bem. Poderia usar o megafone, por favor?

O treinador Hedge soltou um grunhido, como se estivesse satisfeito por ter uma desculpa para fazer aquilo. Puxou da cintura o megafone e continuou dando instruções, mas sua voz parecia a do Darth Vader. Os garotos gargalharam. Ele tentou mais uma vez, mas o megafone soltou: “A vaca faz *mu!*”

Todos riram, e o treinador baixou o aparelho com raiva.

— Valdez!

Piper conteve o riso.

— Meu Deus, Leo. Como você fez isso?

Leo tirou da manga uma pequena chave Phillips.

— Sou um cara especial.

— Gente, falando sério — implorou Jason. — O que estou fazendo aqui?

Para onde estamos indo?

Piper franziu as sobrancelhas.

— Jason, você está brincando?

— Não! Eu não tenho a menor ideia...

— Ah, claro que ele está brincando — disse Leo. — Está tentando revidar aquela história do creme de barbear na gelatina, certo?

Jason ficou olhando para ele, sem entender.

— Não, acho que ele está falando sério — disse Piper, tentando pegar mais uma vez a mão de Jason, que a afastou.

— Sinto muito — disse Jason. — Eu não... Eu não consigo...

— Pronto! — gritou o treinador lá da frente. — A fileira de trás acaba de se oferecer para lavar a louça do almoço!

Os outros jovens comemoraram.

— Sensacional — murmurou Leo.

Mas os olhos de Piper continuaram em Jason, como se ela não conseguisse decidir se estava magoada ou preocupada.

— Você bateu com a cabeça ou algo assim? Não sabe mesmo quem somos?

Jason deu de ombros, sem saber o que fazer.

— É pior que isso. Não sei quem *eu* sou.

O ônibus os deixou na porta de uma grande construção de reboco avermelhado, que parecia um museu, no meio do nada. Talvez fosse isso mesmo: o Museu Nacional de Lugar Nenhum, pensou Jason. Um vento frio soprava no deserto. Jason não tinha prestado atenção ao que vestia, mas aquilo não estava nem perto de protegê-lo direito do frio: jeans, tênis, camiseta roxa e um agasalho fino, preto.

— Então, vamos a um curso intensivo para quem sofre de amnésia — disse Leo em tom solícito, o que deu a Jason a impressão de que aquilo não ia ajudar em nada. — Nós frequentamos a “Escola da Vida Selvagem”. — Leo fez sinais de aspas com os dedos. — Isso significa que somos “garotos malvados”. Sua família, a justiça ou sei lá quem decidiu que você criava problemas demais. Por isso, você foi mandado para esta adorável prisão... quer dizer, “internato”... em Armpit, Nevada, onde você aprende coisas valiosas para a vida ao ar livre, como correr dezesseis quilômetros por campos de cactos ou tecer chapéus com margaridas! E, como prêmio, fazemos excursões “educativas” com o treinador Hedge, que mantém a ordem usando um bastão de beisebol. Está se lembrando de tudo agora?

— Não — respondeu Jason, olhando apreensivo para os outros jovens: uns vinte, talvez. Quase a metade meninas.

Não pareciam criminosos implacáveis, mas Jason ficou pensando no que teriam feito para ser enviados a uma escola para delinquentes, e por que ele próprio estava ali.

Leo revirou os olhos.

— Você quer mesmo seguir com esse joguinho, né? Certo. Nós três entramos aqui juntos, este ano. Somos muito unidos. Você faz tudo o que eu digo, me dá sua sobremesa, faz minhas tarefas...

— Leo! — disse Piper.

— O.k., ignore a última parte. Mas nós *somos* amigos. Bem... Piper é um pouco mais que sua amiga, nas últimas semanas...

— Leo, pare! — disse Piper, com o rosto vermelho.

Jason também podia notar seu rosto queimando. Achava que lembraria caso estivesse saindo com uma menina como aquela.

— Ele está com amnésia ou algo do tipo — disse Piper. — Precisamos avisar a alguém.

Leo debochou.

— A quem? Ao treinador? Ele vai tentar resolver o problema dando uma pancada na cabeça de Jason.

O treinador estava à frente do grupo, gritando ordens e apitando na tentativa de mantê-los em fila; mas não parava de olhar para Jason e fazer cara feia.

— Leo, Jason precisa de ajuda — insistiu Piper. — Ele deve ter sofrido uma concussão ou...

— E aí, Piper? — Um dos garotos se aproximou enquanto eles entravam no museu, enfiou-se entre Jason e Piper e derrubou Leo no chão. — Não fique conversando com esses manés. Você é meu par, lembra?

O cara novo tinha cabelos pretos cortados como os do Super-Homem, era bronzeado e tinha dentes tão brancos que deveriam ter uma placa de advertência: NÃO OLHE DIRETAMENTE PARA ESSES DENTES. PERIGO DE CEGUEIRA PERMANENTE. Estava com um agasalho dos Dallas Cowboys, jeans e botas, e sorria como se fosse um presente de Deus para todas as meninas delinquentes desse mundo. De cara, Jason não gostou dele.

— Saia daqui, Dylan — disse Piper. — Eu não pedi para ser seu par.

— Ah, não mesmo. Mas hoje é seu dia de sorte! — disse Dylan, dando o braço a Piper e conduzindo-a à entrada do museu.

Ela deu uma última olhada por cima do ombro, como se pedisse socorro.

Leo se levantou do chão e se ajeitou.

— Odeio esse cara. — Ele ofereceu o braço a Jason, como se fosse para entrarem juntos. — “Eu sou Dylan, sou *cool*, queria namorar comigo mesmo, mas não sei como! Por que, então, você não me namora? Que sortuda!”

— Leo — disse Jason —, você é esquisito.

— É, você sempre diz isso. — Leo sorriu. — Mas, se não se lembra de mim, quer dizer que posso repetir todas as minhas piadas velhas. Vamos!

Jason chegou à conclusão de que se aquele era mesmo seu melhor amigo, a vida que tinha era realmente louca; mas seguiu Leo para dentro do museu.

Eles caminharam pelo prédio, parando algumas vezes para que o treinador desse explicações com o megafone, que vez ou outra deixava a voz dele como a de um Lorde Sith ou soltava frases aleatórias, como “O porco faz *oinc*”.

Leo não parava de tirar porcas, parafusos e limpadores de cachimbo dos bolsos do casaco camuflado, mexendo em tudo aquilo como se tivesse de manter as mãos ocupadas o tempo todo.

Jason estava distraído demais para prestar atenção às exposições, que eram sobre o Grand Canyon e a tribo hualapai, que cuidava do museu.

Algumas garotas ficaram olhando para Piper e Dylan e dando risinhos. Jason deduziu que aquele era o grupinho das mais populares. Elas combinavam seus jeans e camisetas cor-de-rosa e usavam maquiagem suficiente para uma festa de Halloween.

Uma delas disse:

— Ei, Piper, é a sua tribo que manda nesse lugar? Você entra de graça se fizer a dança da chuva?

As outras riram. Até mesmo o suposto parceiro de Piper, Dylan, reprimiu um sorriso. As mangas do casaco escondiam as mãos de Piper, mas Jason podia jurar que ela estava com os punhos cerrados.

— Meu pai é cherokee — disse ela —, não é hualapai. Mas é claro que você precisaria de mais alguns neurônios para entender a diferença, Isabel.

Isabel arregalou os olhos, surpresa, e ficou parecendo uma coruja megamaquiada.

— Ah, me desculpe... Sua *mãe* é que era dessa tribo? Oops, puxa... Você não conheceu sua mãe.

Piper foi na direção dela, mas antes que começassem a brigar o treinador gritou:

— Parem, vocês aí! Deem bom exemplo ou vou pegar o bastão de beisebol!

O grupo seguiu para a exposição seguinte, mas as meninas continuaram fazendo comentários sobre Piper.

— É bom estar de volta à reserva? — uma delas perguntou, em tom doce.

— Papai devia estar bêbado demais para trabalhar — disse outra, com falsa preocupação. — Por isso ela virou cleptomaniaca.

Piper ignorou aquilo, mas Jason estava pronto para bater nelas. Podia não se lembrar de Piper ou de quem ele próprio era, mas odiava gente má.

Leo agarrou o braço dele.

— Fique calmo. Piper não gosta que a gente se meta em suas brigas. Além do mais, se essas meninas descobrissem a verdade sobre o pai dela iam se curvar gritando: “Não, a gente não vale a pena.”

— Por quê? O que tem o pai dela?

Leo sorriu como se não acreditasse.

— Você só pode estar brincando. Não lembra mesmo que o pai da sua namorada...

— Olhe, bem que eu gostaria, mas se não me lembro nem *dela*, não vou me lembrar do pai.

Leo assobiou.

— Tudo bem. Precisamos *mesmo* conversar quando voltarmos ao alojamento.

Chegaram ao final do salão de exposições, onde grandes portas de vidro conduziam a uma varanda.

— O.k., *cupcakes* — anunciou o treinador Hedge. — Vocês estão prestes a ver o Grand Canyon. Tentem não estragar tudo. A passarela de vidro se chama Skywalk e aguenta o peso de setenta aviões jumbo, então vocês, seus pesos-pena, estarão seguros. Se possível, tentem não empurrar o colega lá embaixo, senão vou ter mais trabalho.

O treinador abriu as portas e todos foram para o lado de fora. O Grand Canyon se estendia à frente deles, ao vivo e em cores. Avançando sobre o precipício, uma passarela em forma de ferradura, feita de vidro, que permitia olhar lá embaixo.

— Nossa — disse Leo. — Isso é demais.

Jason concordou. Mesmo com a amnésia e a sensação de que não deveria estar ali, era impossível não ficar impressionado.

O *canyon* era muito mais profundo e extenso do que aparentava em qualquer foto. Eles estavam tão alto que os pássaros voavam sob seus pés. Mais de 1.200 metros lá embaixo, na base da parede de pedra um rio serpenteava. Nuvens de tempestade tinham surgido enquanto eles estavam dentro no museu, lançando sobre os penhascos sombras que pareciam rostos enraivecidos. Em todas as direções, até onde os olhos podiam alcançar, Jason via desfila-deiros vermelhos e cinza cortando o deserto, como se algum deus louco os tivesse traçado a faca.

Ele sentiu uma fisgada de dor nos olhos. *Deuses loucos...* Que ideia era essa? Parecia que tinha chegado perto de algo importante... Algo que deveria saber. Teve também a inconfundível sensação de que estava em perigo.

— Tudo bem? — perguntou Leo. — Não vai se debruçar e vomitar, né? Eu devia ter trazido a minha câmera.

Jason agarrou o guarda-corpo da passarela. Estava tremendo, suando, mas não tinha nada a ver com a altura. Ele piscou, e a dor nos olhos diminuiu.

— Tudo bem — disse, finalmente. — Só estou com um pouco de dor de cabeça.

Um trovão ribombou no céu. O vento frio quase o jogou para o lado.

— Isso não pode ser seguro — Leo completou, e olhou para as nuvens franzindo o rosto. — Tem uma tempestade bem acima de nós, mas em volta o céu está limpo. Que estranho, não?

Jason olhou para o alto e viu que Leo tinha razão. Um círculo escuro de nuvens pairava logo acima deles, e o restante do céu, em todas as direções, estava perfeitamente claro. Jason teve um mau pressentimento.

— Muito bem, *cupcakes!* — gritou o treinador Hedge. Ele franziu a testa ao olhar para a tempestade, como se ela o preocupasse também. — Acho que devemos encurtar nossa visita, então, mãos à obra! Lembrem-se, frases completas!

O trovão ribombou mais uma vez, e a cabeça de Jason começou a doer novamente. Sem saber por que, ele colocou a mão no bolso da calça e tirou uma moeda — um círculo dourado do tamanho de uma moeda de cinquenta *cents*, porém mais grosso e irregular. De um lado estava estampada a figura de um machado, do outro, o rosto de um homem, com uma coroa de louros. A inscrição dizia algo como *IVLIVS*.

— Nossa, isso é ouro? — perguntou Leo. — E você escondendo de mim?

Jason guardou a moeda, imaginando como estaria com aquilo e por que tinha a impressão de que em breve precisaria usá-la.

— Não é nada, só uma moeda.

Leo deu de ombros. Talvez sua mente fosse tão agitada quanto suas mãos.

— Vai, duvido que tenha coragem de cuspir lá embaixo.

Eles não se preocuparam muito com a folha de exercícios. Primeiro, porque Jason estava distraído demais, por conta da tempestade e da confusão pela qual estava passando. Depois, porque ele não fazia ideia de como “nomear as três rochas sedimentárias observadas” ou “descrever dois exemplos de erosão”.

Leo não ajudava em nada. Estava muito ocupado construindo um helicóptero com seus limpadores de cachimbo.

— Olhe isso — disse, lançando o helicóptero.

Jason imaginou que aquilo cairia, mas as hélices realmente giraram e a engenhoca voou até o meio do *canyon* antes de perder força e despencar em espiral no vazio.

— Como fez isso? — perguntou Jason.

Leo deu de ombros.

— Teria ficado mais legal se eu tivesse alguns elásticos.

— Diga a verdade: nós somos mesmo amigos?

— Até onde sei, sim.

— Tem certeza? Qual foi a primeira vez que nos vimos? Sobre o que conversamos?

— Foi... — Leo franziu a testa. — Não lembro direito. Tenho DÉFICIT DE ATENÇÃO, cara. Não dá para esperar que eu guarde detalhes.

— Mas eu não lembro *nada* sobre você. Não me lembro de ninguém daqui. E se...

— Se você tiver razão e todos estiverem errados? — perguntou Leo. — Acha mesmo que apareceu aqui esta manhã, do nada, e que todos temos lembranças falsas sobre você?

Uma voz na cabeça de Jason disse: *É exatamente isso o que eu acho*. Mas parecia loucura. Todos o conheciam, todos agiam como se ele fosse parte da turma... exceto o treinador Hedge.

— Pegue a folha de exercícios — disse Jason, entregando o papel a Leo. — Volto já.

Antes que Leo pudesse protestar, Jason atravessou a passarela.

Só os alunos estavam naquele lugar. Talvez fosse muito cedo para turistas, ou quem sabe o mau tempo os tivesse espantado. Os internos da Escola da Vida Selvagem estavam distribuídos em duplas pela passarela. A maioria brincava ou conversava. Alguns jogavam moedas lá embaixo. A uns quinze metros, Piper tentava preencher a folha de exercícios, mas Dylan, seu parceiro idiota, ficava dando em cima dela, colocando o braço em seus ombros e lançando um sorriso tão branco que poderia cegá-la. Ela tentava afastá-lo, e quando viu Jason, olhou-o como quem diz: *Por favor, estrangule esse cara*.

Com um gesto, Jason pediu a ela que esperasse um pouco. Ele foi até o treinador Hedge, que estava apoiado no taco de beisebol, estudando as nuvens de tempestade.

— Foi você que fez isso? — perguntou o treinador.

Jason deu um passo atrás.

— Fiz o quê?

O treinador olhou para ele, os olhos pequenos como contas cintilando sob a aba do boné.

— Não brinque comigo, menino. O que está fazendo aqui e por que está atrapalhando meu trabalho?

— Você quer dizer... que *não* me conhece? — perguntou Jason. — Não sou um de seus alunos?

— Eu nunca o vi antes — respondeu Hedge.

Jason ficou tão aliviado que teve vontade de chorar. Finalmente, não estava ficando louco. Ele estava *mesmo* no lugar errado.

— Olhe só, senhor, não sei como vim parar aqui. Simplesmente acordei no ônibus escolar. Tudo o que sei é que não deveria estar neste lugar.

— Isso mesmo. — E a voz grave de Hedge baixou para um murmúrio, como se ele estivesse contando um segredo. — Você tem muito poder sobre a Névoa, garoto, pois todos aqui pensam que o conhecem, mas a mim você não pode enganar. Estou farejando monstros há dias. Sabia que havia alguém infiltrado, mas você não tem cheiro de monstro. Tem cheiro de meio-sangue. Então... quem é você e de onde veio?

A maior parte do que o treinador disse não fazia sentido, mas Jason decidiu responder honestamente.

— Não sei quem sou. Não me lembro de nada. Você precisa me ajudar.

O treinador estudou seu rosto, como se tentasse ler seus pensamentos.

— Certo — ele murmurou. — Você está sendo sincero.

— É claro que estou! E que história é essa de monstros e meio-sangue? São códigos ou o quê?

O treinador Hedge franziu a testa. Parte de Jason ficou pensando se aquele cara não seria apenas louco. Mas a outra parte sabia que não era bem assim.

— Olhe, garoto, não sei quem você é. Só sei *o que é*, e isso significa problemas. Agora tenho que proteger três de vocês, e não dois. Você é a encomenda especial?

— Do que está falando?

Hedge olhou para a tempestade. As nuvens estavam mais densas e escuras, pairando bem em cima da passarela.

— Esta manhã recebi uma mensagem do acampamento. Disseram que um destacamento estava a caminho. Viriam buscar uma encomenda especial, mas não me deram mais detalhes. Pensei comigo mesmo: Tudo bem. Os dois de quem estou cuidando são bastante poderosos, mais velhos que a maioria. Sei que estão sendo perseguidos. Farejo um monstro no grupo. Imagino que, por isso, o acampamento esteja tão apressado em resgatá-los. Mas aí *você* aparece do nada. Então... é você a encomenda especial?

A dor nos olhos de Jason ficou mais intensa. *Meio-sangue. Acampamento. Monstros.* Ele continuava sem saber do que o treinador Hedge estava falando, mas as palavras fizeram sua cabeça doer, como se sua mente tentasse encontrar informações que deveriam estar ali, mas não estavam.

Jason perdeu o equilíbrio, e o treinador segurou-o. Mesmo sendo baixinho, Hedge tinha mãos de ferro.

— Cuidado, *cupcake*. Você disse que não se lembra de nada, certo? O.k. Vou ter de vigiar mais um até que o pessoal chegue. Vamos deixar que o diretor resolva isso.

— Que diretor? Que acampamento? — perguntou Jason.

— Apenas fique sentado. Os reforços chegarão a qualquer momento. Tomara que nada aconteça antes...

Um relâmpago tomou conta do céu. O vento batia furioso. Folhas de exercício voaram para o Grand Canyon e a passarela sacudiu. Os jovens gritaram, tropeçando e agarrando-se ao guarda-corpo.

— Eu devia falar alguma coisa — resmungou Hedge, então gritou ao megafone: — Todos para dentro! A vaca faz *mu*! Saiam da passarela!

— Acho que ouvi você dizer que essa coisa era segura! — gritou Jason, tentando falar mais alto que o vento.

— Em circunstâncias normais — ele afirmou. — E esse não é o caso. Venha!